

Genuíno em queda livre: construção da personagem durante o episódio do Mensalão na Folha de S. Paulo

Por Débora Nobre

José Genoíno é um dos personagens mais importantes da história política do país. De ex-guerrilheiro à presidente do Partido dos Trabalhadores, sua trajetória política exemplar foi arranhada por denúncias de compra de votos entre parlamentares e caixa dois. Depois disso, a reputação política dele se submeteu a uma queda livre, culminando no seu desaparecimento da vida pública e no reaparecimento, ocorrido por meio da sua eleição para a Câmara Federal, em 2006.

O presente artigo tem o intuito de analisar a caracterização de José Genoíno, enquanto personagem do Escândalo Político¹ denominado “Mensalão”², no jornal Folha de S. Paulo no período de 6 de junho à 11 de julho de 2005, data de divulgação da entrevista do ex-deputado Roberto Jefferson (PTB – RJ) e um dia após a renúncia de Genuíno à presidência do Partido dos Trabalhadores, respectivamente. O período foi definido a partir de uma pré-análise composta por matérias que citavam a personagem num período de 6 meses após o início da crise. A partir dessa seleção foi constatado que a caracterização foi fixada no período supracitado.

Para facilitar a abordagem analítica sobre o tema, optou-se por dividir o período selecionado em três partes: o respeito em queda (10 primeiros dias), desqualificando o discurso (a partir do dia 17 de junho à 1 de julho de 2005) e descrédito (de 2 à 11 de julho de 2005). Dessa maneira, o trabalho pôde demonstrar, com passagens específicas, a hipótese de queda e desqualificação da personagem durante o momento de crise.

¹ “O escândalo se refere à ações ou acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública”. (THOMPSON, 2002, p.40).

² Nome dado à crise política desencadeada pelas denúncias realizadas pelo então deputado federal Roberto Jefferson onde uma suposta “mesada” paga a deputados para votarem a favor de projetos de interesse do governo. O neologismo foi adotado pela mídia para se referir ao caso.

O estudo é um pouco limitado no que diz respeito à relação entre Genoíno e a Folha de S. Paulo, mas tornou-se necessária uma tentativa de construção desse perfil para contextualizar o movimento de queda, em relação ao seu capital simbólico e sua reputação pública, proposto no presente artigo.

Quem é a personagem?

A personagem é um elemento vivo de uma obra narrativa. Comumente é uma pessoa, mas pode ser um animal ou uma coisa, depende do narrador. Existem personagens tanto em obras ficcionais como não-ficcionais, assim como o termo se aplica não apenas a literatura, como também ao cinema, teatro, desenhos animados e até mesmo no jornalismo. De acordo com Reis & Lopes, a personagem “revela-se, não raro, o eixo em torno do qual gira a ação e em função da qual se organiza a economia da narrativa” (REIS & LOPES, 1988. p.215) .

Existem diversas formas de classificar as personagens. O protagonista é a personagem principal de uma narrativa. Nas narrativas clássicas era comumente o herói, mas não apenas ele. O anti-herói também é protagonista, como no caso de Macunaíma. É normalmente o Protagonista quem comanda a ação.

A personagem que rivaliza com o protagonista é o antagonista, normalmente chamado de vilão. Em torno do protagonista giram as personagens coadjuvantes. Pode-se dividir os coadjuvantes em "graus de importância", dependendo da proximidade com o protagonista. No caso dos antagonistas esses coadjuvantes recebem o nome de Oponentes.

No Dicionário de Teoria Narrativa é possível encontrar um outro tipo de divisão relacionada à complexidade das personagens. Como por exemplo, as personagens redondas, que possuem a capacidade de surpreender, de uma maneira elaborada e não-definitiva. “ A condição de imprevisibilidade própria da personagem redonda, a revelação gradual dos seus traumas, vacilações e obsessões constituem os principais fatores determinantes de sua configuração” (REIS & LOPES, 1988. p. 219).

Outro tipo são as personagens planas, de acordo com os mesmos autores, onde elas não mudam com as circunstâncias, sendo facilmente identificados. Uma vez caracterizada ela

repete várias vezes suas peculiaridades em gestos e comportamentos. Normalmente, fixam bordões e, de um modo geral, “susceptíveis de serem entendidos como marcas manifestativas”.

No caso da política, é importante ressaltar que apesar de falarmos de pessoas reais, quando estas são inseridas num discurso midiático passam a ser representadas, uma vez que a mídia é reflexo de uma reprodução da realidade. Por conseguinte, os agentes políticos tornam-se figuras do discurso, como afirma Motta.

“Para um analista, as personagens habitam apenas a realidade narrativa. ACM não é uma figura real na narrativa jornalística do processo de sua cassação, ainda que ele exista como pessoa e que a narrativa se refira a esta pessoa. Na análise ele é personagem, uma categoria da narrativa que desempenha um determinado papel no drama, tal como aparece no relato do jornal ou do telejornal. O analista não vai analisar quem é o ACM na vida real, mas sim quem ele é enquanto categoria construída a partir dos indicadores lingüísticos: vai examinar como o relato jornalístico constrói tal personagem. Em princípio, só isso interessa” (MOTTA, 2005, p.57)

Política de aparências

Muitas transformações ocorreram na atividade política durante o século XX, em decorrência da consolidação de regimes democráticos. As mudanças de valores, linguagens e culturas também interferiram nessa mudança, de acordo com Gomes. Mas um fator crucial é o aumento da importância da comunicação de massa na constituição de um modelo social de esfera de visibilidade e cognição coletivas, essenciais para a alteração no funcionamento da arte política e também nas habilidades demandadas por ela e nas competências que ela solicita. O autor ainda sugere cinco aspectos relevantes para reflexão dessa transformação.

O primeiro seria que os agentes políticos passaram a atuar para a esfera de visibilidade pública controlada pela comunicação. Dessa maneira houve uma exigência de formação de novas habilidades de comunicação sobre os sistemas de valores tradicionais da esfera pública.

Em seguida, as estratégias eleitorais e as estratégias políticas passaram a supor um ambiente de recepção da política centrada no consumo de imagens públicas. Assim, a produção e circulação de imagens tornam-se o centro do que ele chama de “atividade estratégica da política”.

O terceiro aspecto apontado é a recorrência à pesquisas de opinião pública, consultorias de imagem e marketing gerando dois tipos de efeitos sobre a esfera política: de um lado, a energia dedicada às atividades tradicionais da política com o intuito de gerar uma comunicação política eficiente; de outro, profissionais de comunicação e gestão política.

Posteriormente aparece o discurso político reformado a partir da linguagem audiovisual, direcionando o discurso político para a “produção e administração de afetos e de emoções para a conversão de eventos e idéias em narrativas e para aquilo que é espetacular, incomum ou escandaloso” (GOMES, 2004, p.50).

Por último, o agente político direciona-se para o público e, que constitui a audiência dos meios de informação e entretenimento, consequentemente, consumidores dos seus produtos.

Mas as relações de poder também se tornam presentes nos espaços, os mais influentes orientam as discussões. Com isso, alguns aspectos precisam ser ressaltados, como, por exemplo, o caráter denunciante de alguns agentes e a importância dos Escândalos para a ocorrência de mudanças na estruturação política entre a mídia e a esfera política.

“Os diferentes agentes no campo político possuem diferentes formas de relação com a mídia, são menos ou mais vulneráveis à sua influência, de acordo com a posição que ocupam. Um líder político importante, apto a orientar o noticiário com suas declarações, não está na mesma posição de alguém posicionado na borda externa do campo e que possui, portanto, uma baixa capacidade de produzir fatos políticos” (Miguel, 2002).

Como já foi dito anteriormente, a mídia baseia-se em acontecimentos inusitados para obter suas notícias. Não cabe neste artigo discutirmos critérios de noticiabilidade, mas também não é possível descartá-los por completo. As editorias políticas, principalmente, sustentam suas coberturas baseadas nos Escândalos Políticos, estabelecendo a necessidade de uma resposta pública essa que é fundamental para o fortalecimento da imagem pública dos agentes políticos.

Por isso os valores implícitos nessas discussões são muito maiores e mais representativos do que a simples aparição do agente político na mídia. O público tem um papel fundamental, que é o de julgar. E nem sempre a mídia fica com a razão, como é o caso da eleição de Lula à presidência da república no ano passado.

Em entrevista ao site Sindicato Cidadão, em outubro de 2002, Thompson afirmou que nas sociedades de democracia liberal, a aquisição e o exercício do poder político dependem de uma outra forma de poder, o poder simbólico: que é a capacidade de persuadir e influenciar as pessoas. O exercício do poder simbólico se dá através da reputação, credibilidade, confiança. Por isso o escândalo se torna absolutamente perigoso, porque ameaça diminuir ou esgotar estes preciosos recursos.

Algumas vezes, os recursos do poder simbólico podem ser esgotados permanentemente. Mas há casos em que ele se atira a uma luta constante e permanente para reconstruir os recursos danificados do capital simbólico. No Brasil, vários casos exemplificam o assunto como o do Deputado Federal Ibsen Pinheiro ³(PMDB – RS) acusado de participar do escândalo dos Anões do Orçamento, em 1994.

Um fato importante é que o início das suas acusações se deu por meio da divulgação de uma notícia inverídica na Revista Veja. Onde afirmavam que ele teria um milhão de dólares na sua conta bancária, quando o certo era mil dólares. A opinião pública foi implacável na época, já que ele era considerada uma pessoa idônea, por ser presidente a Câmara dos Deputados no período do impeachment de Collor, e possível candidato à presidência nas eleições seguintes, como ele mesmo afirmou em entrevista à pesquisadores de Mídia e Política da Universidade de Brasília⁴.

Lógico que existem mais especificidades sobre o escândalo político, mas é preciso se ater ao objetivo deste artigo, que são as suas consequências na vida pública dos agentes, já que a análise remete à caracterização do personagem José Genoíno no episódio do Mensalão

³ Ibsen teve seu mandato cassado pela CPI que investigou as irregularidades no Orçamento da União, acusado de integrar um esquema de desvio de verbas, e condenado a ficar afastado da vida pública por oito anos. Sendo que, seis anos depois, o Supremo Tribunal Federal o inocentou no processo em que era acusado de sonegação fiscal. Ao voltar para a vida pública em 2002 não se elegeu, conseguindo um cargo de vereador, tentando iniciar a reconstrução do seu capital simbólico, apenas em 2004.

⁴ O depoimento foi cedido em maio de 2007.

Genuíno: das luzes às sombras

A vida política de José Genoíno, em sua maioria, foi marcada por atos que o firmaram na história da política nacional como um grande articulador e uma pessoa com opiniões fortes e embasadas. Pelo menos foi essa imagem construída por ele, durante 37 anos de vida pública, até o estouro do “Mensalão”.

Segundo Barbosa, a constituição e disseminação de valores e características são inerentes à atividade política. Com Genoíno, não podia ser diferente.

“A atividade política pressupõe a formulação e disseminação de um conjunto de valores e de conteúdos simbólicos que participam centralmente na construção da representação do mundo social. (...) toda sociedade política tende a construir e a renovar os valores que influenciam diretamente as ações dos seus membros, a formação de sua identidade, seu tipo de organização e suas aspirações” (BARBOSA, 2006. p.17)

Talvez para se enquadrar num perfil condizente com sua trajetória biográfica, Genoíno solidificou sua imagem na representação de ex-preso político, guerrilheiro, defensor da igualdade e direitos sociais.

Durante entrevista aos pesquisadores de Mídia e Política da Universidade de Brasília, realizada em maio deste ano, Genoíno enfatizou bastante o fato de ter pertencido à geração de 68, conhecida pela ideologia preponderante e capacidade combativa.

Nascido em Quixeramobim, interior do Ceará, foi líder estudantil no final dos anos 60, na Universidade Federal do Ceará, e integrou a diretoria da União Nacional dos Estudantes, se engajando na resistência à ditadura militar. Participou da Guerrilha do Araguaia, foi preso em 1972 e libertado em 1977.

Genoíno ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores em 1979 e, em 1982, foi eleito para seu primeiro mandato. Destacou-se na mídia, tornando-se referência para a discussão de vários temas, durante sua atuação na Campanha das Diretas Já, no processo de impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello e na CPI do Orçamento.

Porém, após a sua renúncia à presidência do Partido dos Trabalhadores, em julho de 2005, o então referenciado Genoíno se recolheu num período de ostracismo, gerando,

inclusive, estranheza de alguns jornalistas. Como este comentário, escrito pelos jornalistas Rudolfo Lago e Rodrigo Rangel, publicado na Revista Isto É, no dia 23 de maio deste ano.

“Os deputados mais antigos do Congresso Nacional conheceram um José Genoino falante, brincalhão e bem-humorado. Que não perdia a menor oportunidade de dar a sua opinião sobre o que quer que fosse. Eles certamente estranharam o Genoino discreto, sisudo e monossilábico que adentrou no plenário em fevereiro” (Revista Isto é, maio/2007)

Folheando a história da Folha

Fundado, originalmente como Folha da Manhã, em 1925, o jornal foi comprado na década de 1960 pelos empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho. Surgia então a Folha de S. Paulo, um dos mais influentes do país. .

Sempre com uma postura conservadora, a Folha apoiou o Golpe Militar de 1964 e a ditadura militar, o que ocasionou uma série de ataques contra os veículos de entregas dos jornais, ainda na década de 70.

Em 1980, ocorreu uma mudança na linha editorial do jornal fazendo-o apoiar o movimento de das Diretas Já. Uma mudança gráfica também foi importante: a utilização de infográficos e quadros que explicavam os detalhes das principais notícias. No final da década de 90, o jornal nomeou o primeiro ombudsman da história do jornalismo brasileiro. Mas de acordo com pesquisadores que analisam o jornal sob vários pontos de vista, como Paixão, Arbex Jr. e Novelli, essa mudança editorial teve um caráter empresarial, para atrair mais leitores, ao invés de social, no sentido preocupar-se com os interesses da sociedade.

Para Kucinski, a redemocratização proposta pela Folha era apenas um jogo de interesse. O jornalista, que analisou a cobertura da imprensa nas eleições para a Presidência de 1989, 1994 e 1998, cita diversos casos de manipulação da informação pela Folha de S. Paulo, no sentido de minar a candidatura do petista Luiz Inácio Lula da Silva. O autor ainda reafirma que a Folha, ao longo dessas três eleições, teria projetado e até mesmo criado preconceitos e estigmas contra Lula e o PT.

Polêmicas à parte, é de fácil observação que a Folha possui uma linha editorial bem definida e a expõe para os leitores em seus editoriais, independente de qualquer tipo de interesse que esteja nas entrelinhas.

A relação entre José Genoíno e a Folha de S. Paulo sempre foi muito instável. O petista nem sempre fora apoiado pelo jornal chegando, inclusive, a criticá-lo abertamente durante as eleições de 2002.

Em reportagem publicada no Correio Braziliense em 28 de outubro de 2002, e visualizada na seção “Aspas” do site Observatório da Imprensa, o então candidato do PT ao governo de São Paulo, Genoíno, afirmou considerar antidemocrática e tendenciosa a cobertura da Folha em benefício ao seu adversário político, Geraldo Alckmin (PSDB-SP).

“Ele também citou a Folha quando um vendedor lhe ofereceu os jornais do dia: ‘Eu compro qualquer um. Só não me dê a Folha, que eu não quero nem de presente’. Durante entrevista à noite, ao ser questionado pela Folha se já teria planos de concorrer ao Palácio dos Bandeirantes em 2006, Genoíno foi interrompido por um assessor, que disse, provocando gargalhadas nos demais: ‘Cuidado com a resposta, pois a Folha pode começar a criticá-lo desde já’.” (Observatório da Imprensa, 2002)

Análise empírica

Tudo começou no dia 6 de junho de 2005. O jornal a Folha de S. Paulo publicou uma entrevista, concedida no dia anterior, do deputado federal Roberto Jefferson (PTB-RJ) afirmando haver um sistema de compra de votos de parlamentares denominado por ele como “Mensalão”. Instaurava-se assim a maior crise política enfrentada pelo governo Lula, no seu primeiro mandato.

O respeito em queda

A personagem analisada, o então presidente do Partido dos Trabalhadores, José Genoíno, é citado apenas indiretamente na 15ª pergunta. A jornalista Renata Lo Prete questiona se Jefferson voltaria atrás e conduziria o partido, ao qual ele era presidente, PTB, de uma outra maneira. O deputado responde enfaticamente que não faria nenhum acordo com o governo e que a pior coisa aconteceu durante o período eleitoral, quando José Genoíno havia

prometido e não havia cumprido, sem dar mais detalhes sobre a promessa ou o tipo de ligação que ele teria com o Mensalão.

Afinal, durante toda a primeira entrevista ele não se remete ao nome de Genuíno como responsável pelos pagamentos, mesmo ele sendo presidente do partido em questão, mas sim ao PT como financiador do esquema de corrupção.

“O pior foi na eleição, o que o Genoíno (presidente do PT) fez comigo. Ele e o seu Delúbio (Soares, secretário de Finanças do PT). Prometeram e não cumpriram, e eu avalizei diante dos companheiros o que eles fariam, lá na sede do PT. Então esgarça a autoridade, esgarça o limite, a relação” (JEFFERSON in Folha de S.Paulo, 2005, p. A6)

Torna-se importante salientar que Jefferson descreve Delúbio Soares, secretário de finanças do PT, como sendo propriedade de Genoíno. Podendo ser representado como um fiel escudeiro, quando ele afirma “... Ele e o seu Delúbio...”.

Um dia após a entrevista , saíram duas matérias sobre a repercussão da entrevista junto ao governo e à direção nacional do PT. A primeira informava que a direção do partido iria “blindar” o acesso ao tesoureiro Delúbio, e que a reunião, que normalmente acontecia às 10h30, fora antecipada para as 7h30.

“A direção do PT decidiu blindar seu tesoureiro, Delúbio Soares, e fazer uma defesa institucional do partido contra as acusações feitas pelo presidente do PTB, deputado Roberto Jefferson (RJ) (...) O predidente do PT, José Genoíno, chegou às 6h para a reunião que foi antecipada para as 7h30. Normalmente, acontece às 10h30” (Folha de S. Paulo, 2005, p. A8)

É possível perceber o início de uma postura que seria tomada durante quase toda a cobertura do período analisado: a defesa do partido em relação ao Delúbio e a preocupação com os acontecimentos por parte da direção nacional do PT, personificada em José Genuíno.

Na segunda matéria da mesma página, descreve-se uma postura que foi adotada pela personagem durante todas as edições, no período analisado: a da negativa e da posição defensiva em relação às denúncias.

“O presidente do PT, José Genoino, negou ontem a existência do “mensalão”. Em nota, Genoíno disse que recebeu as declarações de Jefferson com “surpresa e indignação”, e que as afirmações feitas à Folha “não tem o mínimo fundamento na realidade (...) Questionado sobre o fato de integrantes do governo já terem ouvido conversas sobre o suposto “mensalão”, afirmou: “se o assunto foi comentado, o governo tomou as providências” (Folha de S.Paulo, 2005, p. A8)

O terceiro parágrafo desta segunda matéria, chama a atenção por, sutilmente, colocar Genoíno como um opositor ferrenho da instauração de uma CPI, não se importando nem com as possíveis evidências sustentadas por Jefferson. “**Mesmo com o novo ingrediente** da crise lançado por Jefferson, **Genoíno manteve a posição** de que não há necessidade de CPI para apurar denúncias de corrupção” . (Folha de S.Paulo, 2005, p. A8)

As fotos desse primeiro período poderiam gerar um estudo à parte por causa das mensagens implícitas em cada uma delas, caracterizando a personagem sem palavras. A primeira foto publicada sobre Genoíno, no dia 8 de junho, mostra-o com o cenho franzido, ar de preocupação e desapontamento, num quadro solitário, onde só aparece a estrela do partido ao centro. Um detalhe interessante é que a foto contradiz completamente o que é dito no corpo do texto e na legenda, onde o próprio Genoíno afirma não estar preocupado com as denúncias contra o Delúbio e o PT , já que elas são falsas. Assim, o jornal começa a dar formas para mais uma das características instituídas durante esse primeiro período: a constituição de um movimento para abafar a crise e o presidente do partido como abafador-mor, além de fortalecer a idéia de protetor do Delúbio Soares.

No dia 9 de junho, eis que o jornal se torna cada vez mais explícito em relação à caracterização de Genoíno como “abafador-mor” da crise. Uma foto onde Genoíno aparece com os braços abertos sugerindo um pedido de calma e de ordem recebe um “chapéu” com o título “operação abafa”.

Algumas frases na mesma matéria sugerem o domínio exercido pela personagem sob o tesoureiro do partido. “ Delubio Soares surgiu para a entrevista coletiva, no diretório do partido em São Paulo, escoltado pelo presidente nacional da sigla, José Genoíno (...) Delúbio sorriu pouco e, algumas vezes, repassou a pergunta para Genoíno (....) Genoíno pediu ordem e tentou encerrar a entrevista. No final, simplesmente disse: “Acabou”” (Folha de S. Paulo, 2005. p. A4)

Outro fator interessante é que o jornal enquanto “narrador” não adjetiva ou caracteriza diretamente a personagem e opta por “deixar” que suas fontes o façam. Na segunda entrevista concedida por Roberto Jefferson ao jornal, no dia 12 de junho, ele se refere à Genoíno como “cabeça” do PT, junto com outros três integrantes da sigla. E mais, o chama de “cão de guarda do Delúbio”.

Cada vez mais o jornal investe na “teoria” de que o Genoíno é quase uma figura paterna de Delúbio, protegendo o filho contra as pessoas más e das calúnias inventadas por elas. No mesmo dia 12, a Folha publica uma matéria onde dizia-se que a cúpula do PT já repensava uma nova versão para crise. Se antes eles falavam que não havia sido paga nenhuma quantia à parlamentares, agora falaria que Delúbio tinha dado dinheiro, não como forma de mesada, mas como ajuda financeira para a quitação de dívidas de campanhas. Porém, no último parágrafo cita:

“Nas conversas com membros da cúpula do PT, Delúbio foi cobrado a explicar se fez algo parecido com o relator por Jefferson. O tesoureiro negou, chegando a chorar numa reunião. A firmeza de tal negativa levou o presidente do PT, José Genoíno, a bancar a permanência de Delúbio na tesouraria apesar do desejo de Lula de que ele se licenciase.” (Folha de S. Paulo, 2005. p. A17)

Para finalizar a análise desta primeira parte, a matéria do dia 15 de junho, publicada na página A10, é emblemática para sintetizar a caracterização de José Genoíno nesse estágio da crise. A Folha enfatiza o fato da personagem sempre negar todas as declarações, aparecer como defensor ferrenho de Delúbio, de ser o “abafador-mor” e desqualificar o discurso de Roberto Jefferson e de outros integrantes do partido que por ventura venham a se pronunciar sobre o caso, já que ele é o único que falará em nome do partido. A foto que ilustra a matéria, também ilustra essa caracterização, já que, novamente, Genoíno aparece com uma expressão preocupada pedindo calma.

“O presidente do PT, José Genuíno, negou na noite de ontem, o repasse de R\$4 milhões para o PTB (...) Embora resistindo, Genoíno confirmou ter participado da reunião citada por Jefferson (...) Insistindo em acusar Jefferson de calúnia, mentira e difamação, Genoíno alterou o tom de voz ao responder se o fato de Delúbio e o secretário-geral do PT, Silvio Pereira, não se manifestarem era uma estratégia de defesa (...) Segundo o presidente do PT, a Executiva decidiu que ele falará em nome da sigla. Mas os dois não estão proibidos (...)” (Folha de S. Paulo, 2005. p. A10)

Desqualificando o discurso

A partir do dia 17 de junho, as caracterizações se repetem. Ora é o protetor, ora o “abafador-mor”, ora o “cabeça” do partido, a única variação é em relação às fontes utilizadas. Jefferson deixa de ser o único a dar subsídios para a caracterização proposta pelo jornal e

outros deputados e senadores passam a fortalecer a imagem representativa de Genoino durante a crise.

““São regras da Casa Nostra. Tomaram a decisão de um proteger o outro. Todos sabem que eles são funcionários que não fariam absolutamente nada sem o comando do José Genoino e do Zé Dirceu. O afastamento deles seria uma ótima cortina de fumaça, mas aparentemente eles não quiseram servir como boi de piranha”, disse Goldman” (Alberto Goldman – PSDB/SP) (Folha de S. Paulo, 2005. p. A6)

“No sábado, o movimento PT e a esquerda pediram mais espaço. E redigiram um documento comum em que, além da reivindicação, recomendaram a licença de Delúbio e Sílvio. A pedido de Genoino, concordaram em poupa-los” (Folha de S. Paulo, 2005. p. A7)

Apesar da continuidade na caracterização da personagem, no dia 24 de junho, a Folha iniciou uma “ofensiva” contra a reputação de Genoino. O poder simbólico do personagem começa então a ser minado.

Uma matéria com o título “PT consegue vetar vídeo contra Genoino” cita o fato de líderes do PT, PFL e PSDB se unirem para impedir a exibição de um vídeo com ataques diretos à Genoino, acusando-o de delação de companheiros quando foi preso e torturado durante a guerrilha do Araguaia. A “coordenada” é toda dedicada à negação de Genoino quanto a entrega de companheiros, porém com menor destaque que a matéria principal, como se houvesse algum tipo de manipulação para omitir os fatos ocorridos, a tirar pelo título da matéria.

Nos dias posteriores, chama atenção o fato de o jornal mencionar o nome de Genoino apenas em infográficos acompanhado da afirmação que ele nega todas as denúncias, como no dia 29 de junho, na página A4. Porém, as imagens demonstram as supostas relações entre suspeitos de envolvimento com o esquema de corrupção, gerando a representação de uma personagem que possui o papel de negar todas as ações.

Descrédito

Na edição de 1º de julho, na página A10, o jornal inicia uma “caça às bruxas” do PT, insinuando que os cargos de José Dirceu, José Genoino , Delúbio Soares e Sílvio Pereira, estariam ameaçados e que o presidente Lula exigira a saída deles. Na matéria intitulada “Amigos que erraram vão ‘sambar’, diz Lula” a Folha demonstra sua opinião sobre a

permanência desses dirigentes de maneira clara no segundo parágrafo: “Os petistas na berlinda são o ex-ministro da Casa Civil, José Dirceu, o presidente do PT, José Genoino, o tesoureiro do partido, Delúbio Soares, e o secretário geral da legenda Silvio Pereira” (Folha de S.Paulo, 1º de julho de 2005, p. A10)

Mais uma vez uma foto é bastante significativa na análise desta cobertura. No dia 3 de julho, na página A4, uma foto do presidente Lula e de José Genoino é emblemática na construção da personagem, por demonstrar um ar de preocupação e tensão dos dois e mais, os dois com olhares para dois lugares diferentes, como se tivessem duas visões sobre o assunto. Mas o texto da mesma matéria também é relevante, por dar mostras do descrédito em que caiu o discurso ensaiado pela personagem durante todo período da crise, até o momento: a da negativa.

“Lula chegou ao evento com sinais de abatimento. Foi recebido por uma comissão de líderes petistas, entre eles o presidente do partido, José Genoino, que pouco antes havia falado à imprensa sobre a mais recente notícia negativa para a legenda: a revelação, pela revista “Veja”, de que o publicitário Marcos Valério Fernandes foi avalista de um empréstimo para o PT” (Folha de S.Paulo, 3 de julho de 2005, p. A4)

Na mesma edição, na página A10, há a confirmação de que Marcos Valério avalizou o empréstimo realizado pelo PT. Com um subtítulo de ‘Responsável’ Genuíno muda o discurso que construiu durante toda a crise e culpa Delúbio Soares pelos empréstimos. A figura do defensor paternalista “cai por terra” e entra em cena o acusador e “traído”, José Genoino. Em dois parágrafos, a partir de declarações da própria personagem, há uma mudança brusca de papéis.

A Folha toca especificamente na questão da tentativa de desqualificação do discurso de Roberto Jefferson, pelo PT, durante uma entrevista ao presidente da CPI dos Correios, senador Delcídio Amaral (PT- MS), publicada também em 3 de julho, na página A16. O jornal pergunta se a estratégia do PT foi tentar desqualificar o discurso de Jefferson e se seria possível fazer isso diante de tantas evidências. Delcídio responde: “ Não é possível desqualifica-lo. (...) São coisas que o dia a dia comprovou. É um erro, neste debate, desqualificar o Roberto Jefferson. Temos de investigar se as denúncias são pertinentes ou não.” (Folha de S.Paulo, 3 de julho de 2005, p. A16)

Na edição do dia seguinte, o jornal retorna à discussão sobre a saída de Genoino à frente do PT, com afirmações não creditadas à nenhuma fonte específica. No início da matéria já é dada como certa a renúncia dele, sendo comentado até que o presidente Lula já havia acertado tudo e que o próprio Genúino teria tomado a iniciativa de propor. Mas no final do segundo parágrafo, a Folha afirma que no 'Fantástico', programa da Rede Globo, no dia anterior, Genoino havia dito que não renunciaria. Mas a própria manchete dá a saída dele como certa: “Lula acerta saída de Genoino e pressiona por mais renúncias” (Folha de S.Paulo, 4 de julho de 2005, p. A4).

Ainda na edição do dia 4 de julho, a Folha dá em menor destaque, no final da página A5, uma declaração de Jefferson afirmando que Genoino entregou Delúbio Soares, após ser pressionado, pela divulgação de mais acusações pela revista Veja, mas sem ser torturado numa árvore, fazendo referência à prisão e tortura da personagem durante os períodos de ditadura. Mais uma vez o jornal se remete ao fato de uma maneira irônica e afirma na última frase: “Ele é acusado por militares de ter delatado companheiros, o que nega”.

Nos dias seguintes, a Folha utiliza termos como “para desgosto do presidente do PT, José Genoino, (...), Silvio Pereira se afastou ontem (...); A decisão debilita a situação de Genoino (...); O golpe abalou Genoino (...)” (Folha de S.Paulo, 5 de julho de 2005, p. A4) para enfraquecer a autoridade de Genoino e afirmar que ele está se utilizando de todos os artifícios para se manter no cargo. A cada dia, mais denúncias e evidências surgem envolvendo o nome da personagem.

No mesmo dia o jornal dá a manchete, na página A6, “Genoino se vê abandonado pelo grupo” acompanhada de uma foto do presidente do PT pensativo e todo de preto, como se estivesse de luto. Um chapéu ainda acompanha a matéria: “Atacado pelo ministro Ricardo Berzoini e pelo senador Aloizio Mercadante, dirigente diz “estar num beco sem saída”.

No dia 6 de julho, a Folha publica um infográfico com Genoino ao centro com o título “Os interesses em jogo no PT”. Para Genoino, os objetivos são preservar o seu capital político, avaliando se tem condições de se manter no cargo e concorrer a reeleição. A estratégia é fazer uma aliança tática com grupos da oposição que, segundo o jornal, preferem o ver fraco. Ainda afirma que ele “joga” com o fato de ninguém querer o cargo no momento.

Dessa maneira é mais visível que o jornal sugere que Genoino se mantém no cargo como pode e que ele só continua por ninguém mais querer estar no lugar dele.

Após a saída de Delúbio do cargo, o jornal publica o seguinte chapéu na página A7, no dia 6 de julho: “ Tesoureiro, responsável por empréstimo avalizado por Marcos Valério, segue decisão de Silvio Pereira; **Genoino ainda resiste**”. Assim é possível constatar a continuidade da “ofensiva” do jornal quanto ao afastamento da personagem da presidência da sigla e da insinuação que ele se agarra como pode ao cargo. “O foco agora recai sobre o presidente do PT, José Genoino, que apesar de hesitante, **ainda tenta** se manter no cargo **e sobreviver** à reunião do diretório nacional do fim de semana, que pode destituí-lo” (Folha de S.Paulo, 6 de julho de 2005, p. A7)

No dia 8 de julho ocorreu a prisão de um assessor parlamentar, do deputado estadual José Nobre Guimarães (PT-CE), irmão de Genoino, com dólares na cueca e mais dinheiro em uma mala. Apesar do assessor não possuir nenhuma relação direta com a personagem, no dia 9 de julho, o jornal sugere que isso vá “minar a estratégia pela manutenção de José Genoino”. E ainda publica em outra matéria, na página A6, uma foto dele cercado por jornalistas com uma cara de tensão, como se tivesse acabado de saber da prisão do assessor do irmão, e diz “Assim que soube desse caso, Genoino saiu da sala”.

Uma série de fontes indica que a situação dele é delicada, que ele deveria sair pelo bem do partido. Mas uma figura é contra tudo isso, apesar do surgimento de novos empréstimos avalizados por Marcos Valério e assinados por José Genoino, José Dirceu, que se torna um defensor ferrenho da permanência dele no cargo.

No domingo, 10 de julho, a Folha publica a sua manchete de capa “ Crise tira Genoino da presidência do PT” e afirma que ele é o terceiro a cair em meio à crise do Mensalão. Agora já com um “ar” mais sóbrio, o jornal trata da saída da personagem sem mais acusações ou verbos ambíguos para se referir à atitudes dele.

“Ontem na abertura da reunião do diretório nacional, em São Paulo, Genoino pediu seu afastamento do cargo, o que foi imediatamente acatado. Segundo relatos de petistas presentes ao encontro, a situação ficara insustentável e chegara a hora de cortar “amigos”. Houve choro e palavras de solidariedade ao agora ex-presidente da legenda” (Folha de S.Paulo, 10 de julho de 2005, p. A4)

E dessa maneira a personagem José Genoino se despede da lista de protagonistas do episódio Mensalão, passando a ser citado algumas vezes, mas sem o mesmo destaque dos últimos dias.

Considerações Finais

Depois de realizar toda a análise é possível considerar José Genoino um dos protagonistas da crise do Mensalão, no primeiro mês da crise. Mas, após sua renúncia, torna-se uma figura secundária, já que ele mesmo afirmou que caiu num ostracismo intencional e novos fatos e personagens foram surgindo.

Quanto à qualificação, a personagem se mostra plana, no início da crise, quando assume uma postura de negativa, de proteção à Delúbio Soares, ex-tesoureiro do partido, e tentativa de desqualificação do discurso de Roberto Jefferson, permanecendo assim até o final do período chamado de “desqualificação do discurso”, sendo esta a postura da Folha de S.Paulo diante do próprio Genoino.

Isso porque, ao final deste período, ele se transforma em uma personagem redonda com a descoberta da assinatura dele no empréstimo avalizado por Marcos Valério ao PT, as renúncias de Delúbio e Silvio Pereira sem a autorização dele e ainda, a prisão do assessor de seu irmão, o então deputado José Nobre Guimarães (PT-CE), causando uma reviravolta na trama resultando no seu afastamento da presidência do PT.

A caracterização da personagem chama atenção pelo declínio no poder simbólico de Genoino durante o mês inicial da crise. A reputação dele, construída ao longo dos 37 anos de vida pública, foi questionada indiretamente através de uso de verbos ambíguos e adjetivos pejorativos, citados pela Folha de S. Paulo ou suas fontes, sendo Roberto Jefferson, a principal delas.

“Cabeça” e “cão de guarda” foram alguns dos adjetivos dados por Jefferson e reproduzidos pelo jornal, referindo-se à Genoino. A negativa dos fatos também sempre esteve presente, algumas vezes colocada de forma irônica pelo jornal com a utilização de advérbios de tempo como “negou novamente”, “mais uma vez negou”.

O título de “abafador-mor” é sugerido baseando-se na seqüência de vezes que Genoino foi visto pedindo calma, nas fotografias, e refutando acusações, dizendo que era um complô contra o PT. Onde as matérias relacionadas a esse assunto receberam o chapéu de operação abafa.

Acredito que a hipótese de uma queda livre relacionada à reputação e tratamento dado à personagem José Genoíno na Folha de S. Paulo tenha sido bem sucedida, com ressalvas. Uma vez que a relação entre o veículo e a personagem é caracterizada pela inconstância de tratamentos e, no período analisado, não tenha sido diferente.

Referencias Bibliográficas

MIGUEL, Luis Felipe. **Os meios de comunicação e a prática política**. 2002. Ed. *Lua Nova*
MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: análise da narrativa jornalística**. 2005. Ed. Casa das Musas
THOMPSON, Jonh B. **O Escândalo Político: Poder e visibilidade na era da mídia**, 2002 Ed. Vozes
GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. 2004. Ed. Paulus
REIS, Carlos & LOPES, Ana C.M. **Dicionário da Teoria Narrativa**. 1988. Ed. Atica.
KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica**. 1998. Ed. Perseu Abramo, Revista Isto é, 23 de maio de 2007.
Entrevistas de Ibsen Pinheiro e José Genoino ao grupo de pesquisadores de Mídia e Política da Universidade de Brasília. Em maio de 2007.

Referências Eletrônicas

Política em tempo de mídia - http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092005000200010&script=sci_arttext
Entrevista J.B. Thompson - <http://www.sinpro-rs.org.br/extra/out02/entrevista.asp>
Relação Folha e Genoino - <http://www.comtexto.com.br/2convicomartigoPatriciaPaixao.htm>
Crítica de Genoino à Folha - <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp301020027.htm>